

***FACILIDADES E DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA***

**FACILITIES AND DIFFICULTIES OF SEXUAL EDUCATION IN SCHOOL:
PERCEPTIONS OF TEACHERS OF BASIC EDUCATION**

**FACILIDADES Y DIFICULTADES DE LA EDUCACIÓN SEXUAL EN LA
ESCUELA: PERCEPCIONES DE PROFESORES DE LA EDUCACIÓN BÁSICA**

Luciana Uchôa Barbosa
luciana.uchoa@belojardim.ifpe.edu.br
Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS)
Docente do IFPE

Vanderlei Folmer
vandfolmer@gmail.com
Doutor em Ciências Biológicas (UFSM)
Docente da UNIPAMPA

RESUMO

Esta pesquisa identifica as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola a partir da percepção dos professores da educação básica. A pesquisa caracterizou-se como estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, desenvolvida com professores atuantes nos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, utilizando questionário com perguntas abertas relacionadas à educação sexual e a prática docente. Os resultados apontaram que o tema educação sexual é muito atrativo aos escolares, o interesse no assunto decorre da curiosidade e dúvidas, que facilitam a prática docente. Porém, os pais são apontados, pelos professores, como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola, assim como a falta de preparo dos docentes. Logo, é urgente e necessário que a escola possibilite um espaço para que, junto aos familiares dos estudantes, possam discutir e refletir a importância da educação sexual, minimizando vulnerabilidades relacionadas à gravidez não planejada, ao aborto inseguro e às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Destacamos também a importância e necessidade que os cursos de formação docente incluam nos seus currículos os estudos dos temas relacionados à sexualidade e educação sexual.

Palavras – chave: Educação sexual. Sexualidade. Escola.

ABSTRACT

This research identifies the facilities and difficulties of the sexual education in the school from the perception of the teachers of the basic education. The research was characterized as a descriptive and exploratory study, with a qualitative approach, developed with teachers in the final years (6th to 9th grade) of elementary school, using a questionnaire with open questions related to sexual education and teaching practice. The results pointed out that the subject of sexual education is very attractive to schoolchildren, the interest in the subject stems from the curiosity and doubts that facilitate the teaching practice. However, parents are pointed out by teachers as one of the main factors that hinder the development of sexual education in school, as well as the lack of preparation of teachers. Therefore, it is urgent and necessary for the school to provide a space for students to discuss and reflect on the importance of sexual education, minimizing vulnerabilities related to unplanned pregnancy, unsafe abortion and Sexually Transmitted Infections. We also emphasize the importance and necessity that the teacher training courses include in their curricula the studies of themes related to sexuality and sexual education.

Key words: Sexual education. Sexuality. School.

RESUMEN

Esta investigación identifica las facilidades y dificultades de la educación sexual en la escuela a partir de la percepción de los docentes de la educación básica. La investigación se caracterizó como un estudio descriptivo y exploratorio, con un enfoque cualitativo, desarrollado con maestros en los últimos años (6° a 9° grado) de la escuela primaria, utilizando un cuestionario con preguntas abiertas relacionadas con la educación sexual y la práctica docente. Los resultados señalaron que el tema de la educación sexual es muy atractivo para los escolares, el interés en el tema se debe a la curiosidad y las dudas que facilitan la práctica docente. Sin embargo, los maestros señalan a los padres como uno de los principales factores que dificultan el desarrollo de la educación sexual en la escuela, así como la falta de preparación de los maestros. Por lo tanto, es urgente y necesario que la escuela proporcione un espacio para que los estudiantes discutan y reflexionen sobre la importancia de la educación sexual, minimizando las vulnerabilidades relacionadas con el embarazo no planificado, el aborto inseguro y las infecciones de transmisión sexual. También enfatizamos la importancia y la necesidad de que los cursos de capacitación de

maestros incluyan en sus planes de estudio los estudios de temas relacionados con la sexualidad y la educación sexual.

Palabras clave: Educación sexual. La sexualidad. Escuela.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos houve aumento de demanda por trabalhos na área da sexualidade, no contexto escolar. Tal aumento vem sendo motivado por novo perfil sexual de jovens e adolescentes, que de acordo com Borges, Fujimori, Kuschnir, Chofakian, Moraes, Azevedo, Santos e Vasconcelos (2016) têm se desenhado em outra perspectiva, marcada pelo início da vida sexual cada vez mais precoce, sem a devida orientação. Para Silva, Lourdes, Barroso e Guedes (2015) esse fato tem ocasionado um notável crescimento no número de adolescentes que enfrentam uma gravidez não planejada, bem como riscos de contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs.

Apesar da importância e necessidade de discutir questões relacionadas à sexualidade no contexto escolar, o tema ainda é enfrentado como um desafio pelos docentes. De acordo com Barcelos e Jacobucci (2011), a dificuldade que os professores apresentam está relacionada à forma como esses profissionais encaram a temática, pois ainda é vista como tabu. Para as autoras, outra situação que merece destaque está associada à influência religiosa e familiar, que muitas vezes conflitam com a atual realidade. Além dos fatores apontados pelos autores supracitados, Moreira e Folmer (2011) corroboram inferindo que a falta de preparo dos profissionais da educação também é um dos fatores determinantes aos desafios do ensino de sexualidade nas escolas.

Diante do exposto, ressalta-se a importância de formação inicial e continuada, para os profissionais da educação, acerca de questões de sexualidade e educação sexual, a fim de contribuírem para a formação de cidadãos livres de preconceitos e pautados no respeito a si mesmo e ao outro enquanto sujeitos de direitos. De acordo com Lanes,

Copetti, Lara, Lanes, Puntel e Folmer (2014), os professores precisam rever suas práticas pedagógicas a fim de não reproduzirem em sala de aula atitudes de julgamento, preconceito e tabus.

Considerando a relevância do tema e a missão da escola em promover o conhecimento baseado na inclusão, respeito e cidadania sob o viés da ciência, esta pesquisa teve como objetivo identificar as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola na percepção de professores da educação básica. Tal identificação se destina a subsidiar a iniciativa dos profissionais da educação para que possam avançar em uma prática de educação sexual emancipatória.

Este estudo é um recorte de uma pesquisa de doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

IMPORTÂNCIA E FINALIDADE DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Para compreender melhor a importância da educação sexual na escola, antes é necessário realçar o conceito e as finalidades da educação sexual. De acordo com Nogueira, Zocca, Muzzeti e Ribeiro (2016), educação sexual é um conjunto de informações direcionadas as questões da sexualidade e suas nuances como o corpo, relacionamento sexual, sentimentos, assim como, oportunizar a discussão sobre valores, mitos e tabus que está ligado ao sexo. Os autores também enfatizam que as informações apresentadas durante a educação sexual são direitos de todas as pessoas.

Corroborando com o exposto a Unesco (2018) ressalta que:

Educação em sexualidade desempenha um papel central na preparação de jovens para uma vida segura, produtiva e satisfatória em um mundo onde HIV e AIDS, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez indesejada, violência baseada em gênero (VBG) e a desigualdade de gênero ainda representa sérios riscos ao seu bem-estar e, compreende e assegura a proteção de seus direitos ao longo de suas vidas (UNESCO, 2018, p.12).

Em pesquisa realizada no Chile, por González, Molina e Luttgés (2015), com objetivo de analisar a idade da iniciação sexual e o uso de métodos contraceptivos em adolescentes que tiveram acesso à educação sexual na escola, os resultados apontam que houve iniciação sexual tardia entre jovens, e que dos 92,8% de adolescentes que tinham conhecimento sobre métodos contraceptivos, apenas 1% deles haviam engravidado, fortalecendo a importância do acesso à informação acerca de questões que envolvem sexualidade.

Nessa perspectiva, entendemos que a educação sexual no contexto escolar é necessária, para a formação da sexualidade de crianças e jovens, pois visa fortalecer sua capacidade de fazer escolhas seguras, saudáveis e conscientes e, sobretudo, fortalecer atitudes respeitadas em relação aos relacionamentos. A citação abaixo apresentada corrobora com essa discussão ao asseverar que:

A escola e os educadores têm papel fundamental, podendo contribuir positivamente para uma educação integral, social e culturalmente libertadora, na qual, o conhecimento ultrapasse a técnica e o conteúdo dos currículos das disciplinas, tornando claras as relações entre o saber e a vida cotidiana (VIEIRA; MELO; FREIRE; CRUZ; COELHO; RIBAMAR; SILVA; SOARES; COSTA, 2017, p. 15).

Moreira e Folmer (2015) reforçam que a educação sexual deve ter início em casa, com orientações de pais ou outros responsáveis e complementada na escola, com uma abordagem clara e sem senso de julgamento e tabus. Para os autores a educação sexual não tem o objetivo de encorajar as crianças e jovens a fazerem sexo, mas sim garantir informações adequadas e corretas para que possam construir sua sexualidade sem medos e dúvidas.

Além dos motivos elencados para a importância da educação sexual, tais como prevenção de gravidez não planejada e de ISTs, desenvolvimento da capacidade de desenvolver atitudes éticas e respeitadas quanto às diferenças, destaca-se também o combate à violência sexual, principalmente em crianças e adolescentes. Sabe-se que a maioria dos casos de abuso sexual ocorre de maneira intrafamiliar, o que torna a situação

com pouca visibilidade, “[...] isso se dá porque grande parte dos agressores são pessoas próximas que inspiram confiança nas crianças e adolescentes, o que também dificulta a efetivação da denúncia” (SILVEIRA; PEREIRA,2017).

Diante desse contexto, cabe destacar que além de instituições de saúde e religiosas, a escola também tem o dever de proteger as crianças e adolescentes que sofrem situações abusivas. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art.56 Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de: I - maus-tratos envolvendo seus alunos [...] Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável [...]de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: [...]multa de três a vinte salários de referência (BRASIL,1990).

Outro aspecto necessário nas discussões da educação sexual está relacionado com as questões de gênero e diversidade. Pois, o resultado de ignorar a importância da sexualidade para todo contexto humano, inclusive educacional, coloca o Brasil entre um dos países mais violentos do mundo, no que tange à violência sexual e de gênero (ZERBINATI; BRUNS,2018).

A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS NORTEADORES: AVANÇOS E RETROCESSOS

A inserção da educação sexual no contexto escolar teve início, na perspectiva de aquisição de direitos, a partir da década de 1980. No ano de 1994, o Comitê Nacional de Educação Preventiva Integral (CONEPI) analisou e aprovou em sua 4ª reunião, o documento de Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade, elaborada pelo Ministério da Educação (BRASIL,1994). Apesar do discurso do referido documento ter um olhar puramente higienista da educação preventiva, já defendia que a Educação Sexual tem como finalidade melhorar a qualidade de vida do indivíduo e da coletividade.

No entanto, a educação sexual ganhou maior visibilidade a partir do ano de 1996 a partir dos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), elencado como tema transversal

“Orientação Sexual”. Conforme esse documento a orientação sexual deveria ser abordado numa perspectiva biológica e cultural, de maneira sistematizada e organizada. Embora tenha sido objetivo dos PCN “[...] promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade” (BRASIL, 1998), podemos observar que poucas escolas implementaram de fato a proposta.

Pesquisa realizada por Furlanetto, Lauermann, Costa e Marini (2018) sobre a educação sexual em escolas brasileiras apontou que, após vinte anos dos PCN, ainda não há qualquer registro de trabalho que apresente uma prática de educação sexual semelhante ao que está sendo proposto no referido documento, principalmente no que diz respeito à transversalidade. Este resultado pode estar associado à falta de acesso dos professores ao documento e, provavelmente, à ausência de formação continuada. É preciso reconhecer que “[...] ainda são muitas as barreiras que impedem a consolidação das práticas previstas nos PCN, as quais precisam ser reconhecidas e superadas” (FURLANETTO; LAUERMANN; COSTA; MARINI, 2018).

Em 2001, um importante documento para a área da Educação tornou-se pauta de relevantes discussões: o Plano Nacional de Educação (PNE/Lei 10.172/2001), documento que determinou diretrizes, metas e estratégias para a política educacional que vigorou até o ano de 2010. No âmbito das questões de sexualidade nos objetivos e metas para os cursos de formação docente, no referido documento, incluíam-se nas diretrizes curriculares estudos dos assuntos relacionados às problemáticas tratadas nos PCN como temas transversais, especialmente no que se referem às abordagens de gênero, educação sexual, ética, saúde e temas locais.

No entanto, de forma lamentável, ressaltamos que na edição do PNE de 2014 – 2024 houve uma supressão para as questões da sexualidade. O referido documento limitou-se a um objetivo superficial de superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação

(BRASIL 2014). Dando continuidade sobre a inclusão do tema educação sexual, não está sendo diferente na versão atualizada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Observa-se que na proposta da BNCC, a temática educação sexual foi reduzida à disciplina de Ciências, indicando ênfase no estudo da reprodução humana e de Infecções Sexualmente Transmissíveis, além de ser contemplada apenas no oitavo ano do ensino fundamental (BRASIL,2017).

Ainda sobre a BNCC, documento que norteará os currículos das escolas brasileiras, este foi elaborado no auge do conservadorismo representado no Congresso Nacional, que defendiam a exclusão de temáticas de gênero, orientação sexual e diversidade nas propostas curriculares da educação do Brasil, em nome da preservação da moral e dos bons costumes, deturpando objetivos de ensino desses temas. Pesquisa realizada por Silva e Arantes (2017), que teve como objetivo compreender como a BNCC aborda as questões de gênero e orientação sexual no currículo, remeteu ao questionamento do porquê na segunda versão da BNCC ter sido apontado o interesse em manter os temas gênero e orientação sexual. Porém, ao ser apresentada a terceira versão do BNCC, os referidos temas foram suprimidos.

Sem a presença dos termos diversidade sexual, gênero e educação sexual nos documentos oficiais das políticas públicas de educação, Lorenzi (2017) acredita que a prática docente nas questões da sexualidade fica comprometida. É preciso avançar e não retroceder, pois precisamos pensar em quais consequências a ausência desses temas irão trazer para dentro das escolas e extramuros delas. Que tipo de cidadãos queremos formar para a sociedade? No entanto, Santos, Pereira e Soares (2018) nos convidam a mantermos firmes e não desistirmos em abordar os temas gênero e orientação sexual, embora tenham sido retirados dos documentos oficiais da educação, precisamos lembrar que são temas que estão presentes no cotidiano dos estudantes e que precisam ser acolhidos.

Diferente do Brasil, em países da Europa a educação sexual já existe nos currículos das escolas a mais de meio século (EUROPEAN EXPERT GROUP ON

SEXUALITY EDUCATION, 2016). De acordo com Helmer, Senior, Davison e Vodice, (2015), a Finlândia e a Holanda são conhecidos por seus programas de educação em sexualidade no currículo escolar, apresentando declínio nas taxas de ISTs e gravidez na adolescência. A proposta envolvida nesses programas é desenvolver e fortalecer as capacidades de crianças e adolescentes fazerem escolhas conscientes, saudáveis e, sobretudo respeitadas em seus relacionamentos. Além disso, essas propostas buscam possibilitar que jovens assumam responsabilidades com relação à saúde e bem-estar sexual.

Portugal também avançou em questões de educação sexual nas políticas públicas de educação. Em agosto de 2009, o governo de Portugal aprovou a Lei n.º 60/2009, que estabelece a aplicação da educação sexual nas instituições do ensino básico e do ensino secundário, tanto na rede pública como privada, sendo a educação sexual objeto de inclusão obrigatória nos projetos educativos.

São algumas das finalidades da referida lei:

O desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade; A redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez não desejada e as infecções sexualmente transmissíveis (Lei n.º 60/2009).

Diante do exposto, observa-se que ao longo da história da educação sexual, no século XX, ocorreram consideráveis conquistas e notáveis recuos que implicam efetivamente nos direitos fundamentais do cidadão e na democracia brasileira. E entre um documento e outro, a sexualidade perdeu seu caráter educativo, no sentido mais amplo, ficando restrita aos aspectos biológicos, através das aulas de ciências, deixando de ser interdisciplinar para ser disciplinar. (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, que buscou identificar dificuldades e possibilidades para o trabalho de educação sexual no contexto escolar. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de ensino fundamental da rede pública de um município no interior de Pernambuco e teve como participantes professores que lecionam para adolescentes nos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental.

A coleta de dados foi realizada no ambiente de trabalho dos professores, por meio de um questionário autoaplicável, contendo perguntas abertas relacionadas à educação sexual e prática docente. Para validação do questionário, foi realizado teste piloto com dois docentes de outra instituição de ensino.

Esta pesquisa atendeu à Resolução nº 466/12 da Comissão de Ética do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Autarquia Educacional do Belo Jardim -AEB, para avaliação de sua viabilidade, tendo sido obtida aprovação por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 80815917.3.0000.5189 e Parecer de aprovação: 442.434 (15/12/2017).

Em seguida a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, realizou-se o encontro com os professores e professoras para esclarecimentos sobre os procedimentos utilizados nesta pesquisa, assim como seus objetivos, benefícios e riscos, sendo garantido de sigilo das informações por parte dos pesquisadores.

Após concordarem em participar da pesquisa, os professores participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O questionário foi aplicado com os mesmos em uma sala de aula da escola, cedida pela direção, em horário pré-agendado com a coordenação pedagógica.

Para o tratamento dos dados obtidos nesta pesquisa utilizou-se a análise de conteúdos de Bardin (2011). Destacam-se desta técnica as seguintes etapas: 1) pré-

análise, que compreende a leitura exaustiva 2) exploração do material, que consiste na organização dos dados em categorias e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que as informações são analisadas e emergem interpretações inferenciais, críticas e reflexões.

Além disso, a análise de respostas dos professores ao questionamento acerca das dificuldades e facilidades em lidar com educação sexual nas escolas, foram importados para o programa de análise de dados qualitativos de licença livre N-vivo¹, a fim de facilitar a análise qualitativa para a construção da nuvem de palavras, que foram formatadas a partir da análise de frequência com sinônimos, considerando as palavras mais frequentes.

Após a análise, os dados foram expostos através de nuvens de palavras, bem como de trechos das falas dos participantes, que foram importantes para a compreensão do objeto de estudo, assegurando o sigilo e anonimato dos participantes, sendo estes classificados, para fins de organização dos dados de pesquisa, através de numeração arábica (professor 1, professor 2, etc.).

RESULTADOS

Participaram dessa pesquisa vinte e um professores, sendo dezesseis do sexo feminino e cinco do sexo masculino, de faixa etária entre 28 e 53 anos, integrantes do quadro docente da referida escola. Quanto ao tempo de formação profissional, variou entre 1 e 38 anos de formados. Relacionada à atuação desses profissionais na escola, participaram da pesquisa professores das disciplinas de História, Matemática, Português Geografia, Ciências e Ensino Religioso.

Os resultados a seguir advindos do questionário estão organizados em duas categorias temáticas: (1) facilidades encontradas para desenvolver a educação sexual na sala de aula e as (2) dificuldades enfrentadas para desenvolver a educação sexual na sala de aula.

Facilidades encontradas para desenvolver a educação sexual na sala de aula

Os professores apontaram que a facilidade para a educação sexual consiste na conquista da atenção do aluno, por se tratar de um tema muito atrativo aos adolescentes, e que eles demonstram interesse no assunto, como consta nas falas apresentadas a seguir:

*“Temática em que os educandos têm prazer em ouvir, escutar e entender”
(professor 1).*

“O assunto é muito atrativo para os adolescentes, eles gostam, por isso a facilidade” (Professor 4).

A curiosidade dos adolescentes pelo tema também foi citada pelos professores e professoras como fator que facilita a abordagem da educação sexual na sala de aula, de forma que existe a procura pela temática, a partir de dúvidas e questionamentos.

*“A curiosidade dos alunos. Hoje os jovens têm uma mente muito aberta”
(Professor 20).*

“O interesse dos alunos para o tema, torna mais fácil, pois a curiosidade desperta para a aprendizagem” (Professor 18).

Dificuldades enfrentadas para desenvolver a educação sexual na sala de aula.

Na percepção dos professores, os pais são apontados como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola. As respostas destacadas a seguir colaboram com essa inferência:

“Entendimento dos familiares, pois nem todos concordam com esta abordagem nos anos iniciais do fundamental II” (Professor 3).

“A aceitação dos pais, nosso grande desafio” (Professor 13).

“Os pais que acham que os filhos não estão preparados” (Professor 19).

Observou-se que o tabu, relacionado ao tema sexualidade, é mencionado pela maioria dos professores como um dos dificultadores na prática docente para a educação sexual, como consta nas falas apresentadas a seguir:

“Os tabus e limites colocados pelos pais e pela sociedade” (Professor 04).

“O tema é polêmico” (Professor 11).

“Existem muitos tabus” (Professor 7).

“Informações deturpadas e tabu” (Professor 8).

A pesquisa também revelou que a falta de preparo dos professores, falta de material e recursos também são fatores que dificultam à abordagem do tema educação sexual em sala de aula. As respostas destacadas a seguir colaboram com esse entendimento:

“A falta de formação para os professores, os tabus que a maioria dos pais tem” (Professor 18).

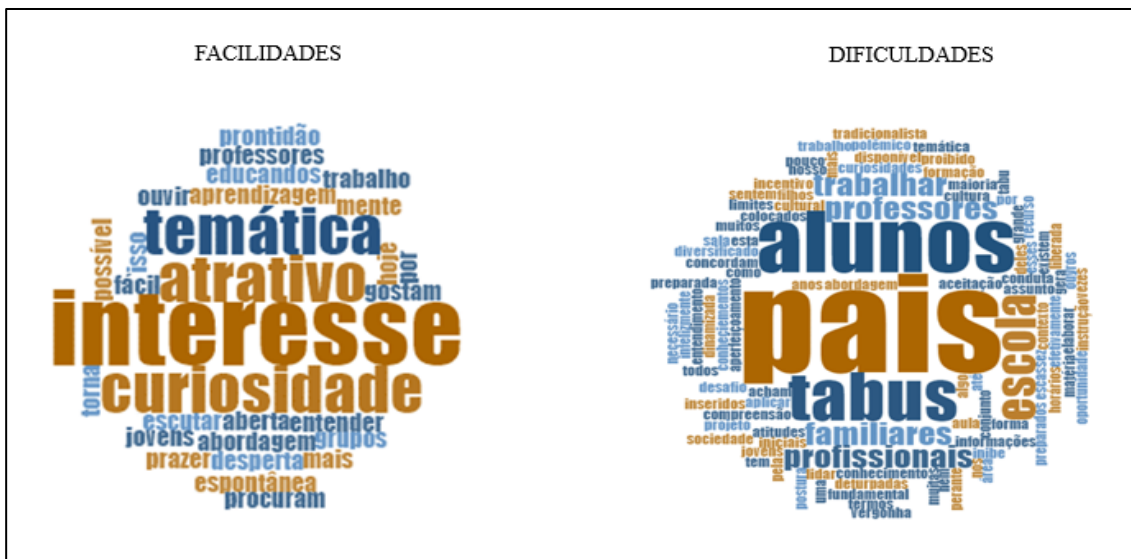
“Falta de instrução de como lidar com o tema e aluno” (Professor 12).

“Falta de recurso necessário para aplicar e trabalhar de forma dinamizada sobre a temática” (professor 01).

“Escassez de material” (professor 02).

É possível observar a representação gráfica do conteúdo das falas, a partir de duas nuvens de palavras: uma que contempla os discursos acerca das dificuldades e outra referente às facilidades relatadas pelos docentes (figura 1).

Figura 1 - Nuvens de palavras associadas as facilidades e dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2018).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisando os dados produzidos a partir das respostas dos professores e professoras, em relação às facilidades (Figura 1), podemos inferir que o interesse que os adolescentes escolares têm pelo tema está associado às modificações corporais que se apresentam na adolescência, acarretando em muitas dúvidas e curiosidades durante o processo da sexualidade. Nesta perspectiva Moreira, Rocha, Puntel e Folmer corroboram, destacando que:

É na adolescência que as questões relacionadas à sexualidade surgem intensamente em função da identidade sexual e da orientação sexual, pois o adolescente está procurando se descobrir e, conseqüentemente, muitas dúvidas e curiosidades surgem naturalmente em decorrência às fases da vida não vivida (MOREIRA; ROCHA; PUNTEL; FOLMER, 2011, P.68).

Cabe destacar que tornar-se adolescente é um processo que vai além das mudanças físicas, “[...] mas também está ligado com o desenvolvimento psíquico que auxiliará na formação da identidade do sujeito” (PAULA,2018 p.15). Conforme a percepção dos professores, há indícios de que os adolescentes almejam e necessitam de um espaço de escuta dentro da escola, para que suas dúvidas e curiosidades sejam acolhidas e sanadas da melhor maneira possível, sem mito ou inverdades.

Logo, concordamos com Vieira, Melo, Freire, Cruz, Coêlho, Ribamar, Silva, Soares e Costa (2017) que a escola deve oferecer uma educação ampla, que contemple, além dos conteúdos das disciplinas, as questões sociais e culturais e que correspondam às demandas dos adolescentes escolares. Corroborando com a citação anterior, Sarmiento, Rocha, Lira, Costa, Santos e Barbosa (2018) reiteram que:

É necessário que os docentes ultrapassem as várias limitações para incluir temas como IST e educação sexual dentro do contexto escolar de forma leve, visando educar para prevenir através de um ensino baseado no diálogo e na construção de uma relação de confiança entre professor e aluno (SARMENTO; ROCHA; LIRA; COSTA; SANTOS; BARBOSA,2018).

Ao analisarmos as respostas dos professores pesquisados em relação às dificuldades (Figura 1) percebeu-se que alguns pais ainda têm receio que seus filhos e filhas, conversem ou tenham acesso, às informações relacionadas à sexualidade, por acreditarem que os filhos ainda não têm idade para este assunto. Nesta perspectiva, Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) discutem que é necessário que os adultos de referência (pais ou responsáveis, professores e profissionais da saúde) compreendam que a sexualidade é um processo inerente a todos os seres humanos e que está presente em todas as etapas da vida. Logo, compreende-se que não existe idade para falar sobre sexualidade, mas devemos utilizar abordagens diferentes, porém de forma honesta e tranquila.

Durante a abordagem acerca do tema sexualidade, os profissionais da educação precisam compreender e respeitar as diferentes crenças e valores arraigados nas famílias. Pois, não compete aos professores, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece e, sim possibilitar discussões considerando a realidade de cada adolescente escolar. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar (BRASIL,1998 p 305).

Por outro lado, sabemos que educar sexualmente os adolescentes não é tarefa fácil e requer uma ação coletiva dos adultos de referência. Deste modo, concordamos com Caldeira e Lopes (2017) ao mencionarem que é necessário que pais, professores, técnicos de saúde, pares e demais profissionais atuem num processo de interação constante, formando e informando os adolescentes, permitindo-lhes a possibilidade de escolhas assertivas.

Nesse sentido, é possível inferir que para amenizar a resistência de alguns pais quanto a abordagem da educação sexual na escola, é necessário envolvê-los em discussões junto à escola, fazendo-os compreender a importância do tema. No entanto, para que ocorra uma educação sexual emancipatória, inclusiva e que respeite as

diferenças, Quirino e Rocha (2013) inferem que é preciso romper paradigmas e tabus existentes na sociedade que ainda é, predominantemente, machista e patriarcal.

Observou-se, nas repostas dos professores e professoras, que a educação sexual ainda é vista como um tabu, sendo até um tema polêmico que causa vergonha, tornando-se desafiante à prática docente. Esses comportamentos se justificam, segundo Oliveira, Resende e Gonçalves (2018), porque o tema sexualidade sofre forte influência cultural e está atrelado a mitos, preconceitos e concepções distorcidas.

Diante disto, acredita-se que a escola é terreno fértil para a desconstrução de concepções simplistas em relação a educação sexual. Sobre essa inferência Kurpel, Gagliotto, Couss afirmam que:

É na escola, que o professor pode desenvolver ações que visem desmistificar tabus quebrando paradigmas e trazendo novas perspectivas e formas de pensamento que através de reflexões podem auxiliar na desconstrução e ressignificação das novas ideias (KURPEL; GAGLIOTTO; COUSS, 2017, p.7).

Ainda sobre as dificuldades que os professores e professoras apontaram, foi indicada a falta de preparo dos mesmos para lidar com a temática educação sexual. De acordo com Moreira e Folmer (2015), para o docente desenvolver a educação sexual na escola de maneira segura é necessário que ele tenha conhecimento técnico-científico sobre esse tema.

É oportuno ressaltar que o indicativo dessa falta de preparo dos docentes que foi relatado não se restringe apenas aos professores dessa pesquisa. Uma pesquisa realizada por Paes, Favorito, Gonçalves (2015), com o objetivo de verificar como a temática sexualidade tem sido trabalhada nas séries iniciais do ensino fundamental, identificou que os principais fatores que dificultam a educação sexual nas escolas estão relacionados ao preconceito presente no contexto familiar acerca da sexualidade, a falta de conhecimento e de formação para falar sobre a temática.

Destacamos, ainda, outra pesquisa realizada por Oliveira, Santana e Schunemann (2017) que investigou a formação docente e a percepção dos professores ao trabalharem

a educação sexual com seus estudantes. Esse estudo apontou que os docentes participantes demonstraram ter pouca formação para desenvolverem projetos de educação sexual. Para os autores, essa falta de preparo termina acarretando pouco envolvimento ou estímulo dos docentes para desenvolverem o trabalho de educar sexualmente seus estudantes. Para que o programa de educação sexual alcance suas principais finalidades e propostas é necessário que os professores sintam-se seguros e conheçam seu papel como educador e adultos de referência para os adolescentes (NOGUEIRA; ZOCCA; MUZZETI; RIBEIRO, 2016).

Não é necessário que os educadores sejam especialistas na área da educação sexual, porém é importante que conheçam seu conceito ancorado no embasamento científico para que possam reconhecer sua importância no ambiente escolar. Concordamos com Lara, Salgueiro, Puntel e Folmer (2015), ao inferirem que, para superar as dificuldades que os professores apresentam ao abordarem os temas transversais, principalmente os relacionados à sexualidade, se faz necessário que os referidos temas sejam trabalhados desde sua formação inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que embora o tema educação sexual ainda seja revestido por tabu, vergonha e polêmica no contexto escolar é atrativo e desperta interesse e curiosidade dos escolares. A referida evidência facilita e favorece a participação de escolares na construção do conhecimento para uma sexualidade emancipatória e desprovida de preconceitos e tabus.

No entanto, constatou-se que os professores participantes do estudo enfrentam barreiras que dificultam a efetivação da educação sexual na escola, pelo receio da desaprovação dos pais. Além disso, não se sentem preparados para o trabalho de educar sexualmente seus escolares. Diante do exposto, compreendemos que a inclusão da família

na discussão da temática na escola e a formação docente são fatores primordiais para o enfrentamento das dificuldades descritas durante a pesquisa, pois os professores terão mais segurança para desenvolverem a educação sexual na sala de aula.

Considerando a relevância desta temática e, sobretudo, as carências encontradas neste estudo, pretende-se articular e promover uma formação continuada aos professores pesquisados, com temas sobre sexualidade e educação sexual, a partir da metodologia da problematização, a fim de fortalecer a atuação dos professores para a prática em educação sexual no contexto escolar.

Assim, é imprescindível que a escola disponibilize um espaço para que, os adultos de referência, possam discutir e refletir a importância da educação sexual durante a adolescência, para minimizar as vulnerabilidades relacionadas à gravidez não planejada, ao aborto e às Infecções Sexualmente Transmissíveis, assim como também discussão acerca de demais questões como gênero, desejo, prazer, responsabilidade e ética. Além disso, é necessário e urgente que os cursos de formação docente incluam nos seus currículos o estudo de temas relacionados à sexualidade e educação sexual na escola.

REFERÊNCIA

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. e772, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>. Acesso em: 12 de jul.2019.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de ciências e biologia. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n.2, p. 334–45, 2011. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth; KUSCHNIR, Maria Cristina Caetano; CHOFKIAN, Christiane Borges do Nascimento; MORAES, Ana Júlia Pantoja

de; AZEVEDO, George Dantas; SANTOS, Karine Ferreira dos; VASCONCELLOS, Mauricio Teixeira Leite de. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n.15, p.1-11,2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s1/pt_0034-8910-rsp-S01518-87872016050006686.pdf. Acesso em 16 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista, Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_-versaofinal.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais-Brasília: MEC/SEPESPE, 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001753.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC /SEF; 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL. Plano Nacional de Educação - PNE. Plano Nacional de Educação 20142024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125) Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferencia.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL. Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 4 nov. 2018.

CALDEIRA, Ermelinda; LOPES, Manuel José. Educação sexual na escola contextos para a mudança. **Revista Ibero – Americana de saúde e envelhecimento** v.3, n.3, p.1147 – 1164,2017. Disponível em: <<http://www.revistas.uevora.pt/index.php/saudeenvelhecimento/article/view/192/374>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

European Expert Group on Sexuality Education. Sexuality education – what is it?. **Sex Education** n.16 v.4, p. 427-431, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1100599>>. Acesso em: 18 out. 2018.

FURLANETTO, Milene Fontana; LAUERMANN, Franciele; COSTA, Cristofer Batista da; MARINI, Ângela Helena. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168 (Abr. - jun.), p. 550-571, 2018,. Disponível em: [file:///C:/Users/Luciano/AppData/Local/Temp/Dialnet-Educacao SexualEmEscolasBrasileiras-6502674-4.pdf](file:///C:/Users/Luciano/AppData/Local/Temp/Dialnet-Educacao%20SexualEmEscolasBrasileiras-6502674-4.pdf) . Acesso em: 2 nov. 2018.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Revista Holos**, v. 29, n.5, 2013. Disponível em< <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784> >Acesso em:30 nov. 2017.

GONZALEZ A, Electra; MOLINA G, Temístocles; LUTTGES, Carolina. Características de la educación sexual escolar recibida y su asociación con la edad de inicio sexual y uso de anticonceptivos en adolescentes chilenas sexualmente activas. **Rev. chil. obstet. ginecol.** Santiago, v. 80, n. 1, p. 24-32, 2015. Disponível em:<https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-75262015000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2018.

HELMER, Janet; SENIOR, Kate; DAVISON, Belinda; VODIC, Andrew. Improving Sexual Health for Young People: Making Sexuality Education a Priority. **Sex Education: Sexuality, Society and Learning**, v15 n2 p158-171 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14681811.2015.1100599>. Acesso em: 10 abr. 2018.

KURPEL, Denise Fátima; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro; COUSS, Luana Cristina Reis. Educação sexual na escola na desmistificação de tabus relacionados à travestilidade. In: Simpósio Internacional em Educação Sexual, 5, 2017, Maringá. **Anais**. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/> Acesso em: 18 set. 2018.

LANES, Karoline Goulart; COPETTI, Jaqueline; LARA, Simone; LANES, Dário Vinícius Ceccon; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER Vanderlei. Estratégias de promoção da Saúde do escolar a partir da abordagem de temas geradores. **Experiências em Ensino de Ciências**. v.09,n.2, p. 154 – 169. 2014. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID248/v9_n2_a2014.pdf . Acesso em: 17 out. 2018.

LARA, Simone; SALGUIERO, Andréia Caroline Fernandes; PUNTEL, Robson; FOLMER Vanderlei. Trabalhando a interdisciplinaridade com o tema transversal saúde na formação inicial de estudantes do curso normal. **Revista Ciências & Ideias**. v. 6, n.2, p.116-134, jul/dez. 2015. Disponível em:<<http://revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/reci/article/view/379/343>>Acesso em: 12 out. 2018.

LORENZI, Franciele. **Educação sexual na formação do/a pedagogo/a no estado do Paraná.** 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2017. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/3326>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

MOREIRA; Betina Loitzenbauer da Rocha; ROCHA, João Batista Teixeira da; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER, Vanderlei. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciências.** v.10, n. 1, p.64-83, 2011. Disponível em: <https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer Rocha; FOLMER, Vanderlei. Educação Sexual na Escola: Construção e Aplicação de Material de Apoio. **Experiências em Ensino de Ciências** – v.6, n. 2, p. 151-160, 2011. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID153/v6_n2_a2011.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer Rocha; FOLMER, Vanderlei. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Experiências em Ensino de Ciências** v.10, n. 3, 2015. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID282/v10_n2_a2015.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **HOLOS**, v. 3, n.32, p.319-327, 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302>>. Acesso em: 16 out. 2018.

OLIVEIRA, Letícia Thais Santos; SANTANA, Ronaldo; SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. Percepção dos docentes do Ensino Médio referente à educação sexual na escola. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 2, n.2, p. 121-135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/667>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

OLIVEIRA, Edicleia Lima de; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES Josiane Peres. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, v. XXVI n. 1; jul-dez, p. 303-314, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>. Acesso em: 22 mai. 2019.

PAES, Daniela Cristina; FAVORITO, Ana Paula; GONÇALVES, Randys Caldeira. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede

municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal**, v.1, n.3, p. 69-78, 2015. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/122/88>>. Acesso em: 11 set. 2018.

PAULA, Francieli Karine. **Educação Sexual no ambiente escolar: análise dos conhecimentos dos alunos e da opinião de professores do Ensino Fundamental e Médio**.2018.64f. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão da Educação) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Fernando Pessoa, Porto,2018. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10284/6965>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

PORTUGAL. Lei n. 60, de 6 de agosto de 2009. Assembleia da República. Disponível em: < <https://dre.pt/pesquisa/-/search/494016/details/maximized>>. Acesso em: 02 out. 2018.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132013000300011&script=sciabstract&tlng=pt> . Acesso em: 12 set. 2018.

SANTOS, Nathany Ribeiro Lima dos; SARA, Pereira; SOARES, Zilene Moreira Pereira. Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: um olhar para o ensino de ciências. In: V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2018.Universidade Federal de Londrina. Disponível em:<<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/anais/v-simposio-genero-e-politicas-publicas.php>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

SARMENTO, Sued Sheila; ROCHA, João Batista Teixeira da; LIRA, Margare Olinda de Souza Carvalho; COSTA, Dhessika Riviery Rodrigues dos Santos; SANTOS, Mariana Brandt Fernandes; BARBOSA, Kalliny Mirella Goç Alves. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS ABORDAGENS SOBRE IST NO ENSINO FUNDAMENTAL. **REVASF**, v.8, n.17, p.83 – 99, 2018. Disponível em: <http://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/293>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SILVA, George Sobrinho; LOURDES, Luciana Aparecida de; BARROSO, Karen de Almeida; GUEDES, Helisamara Mota. Comportamento sexual de adolescentes escolares. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.19, n.1, p. 154 – 160, 2015. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/993>. Acesso em: 17 jul.2019.

SILVEIRA, Jordana Maria da; PEREIRA, Jaiane Aparecida. VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: possibilidades de atuação das instituições escolares. In: I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, 2017. Naviarí- MG. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4346>. Acesso em: 4 nov. 2018.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **International technical guidance on sexuality education**. 2 ed.revisada. Paris,2018. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002607/260770e.pdf>>. Acesso em: 3out. 2018.

VIEIRA, Michelangela Pinto; MELO, Mônica Cecília Pimentel de; FREIRE, Ana Karla da Silva; CRUZ, Nayara Mendes; COELHO, Vitória Silva; RIBAMAR Deolindo de Sousa; SILVA, Gustavo Elias da; SOARES, Félix Alexandre Antunes; COSTA, Mateus Mattiuzi da. Espaço dialógico sobre sexualidade na adolescência: e agora, professor? **REVASF**, vol. 7, n.14, p. 120-140, dez., 2017.Disponível em: <[http:// www.periodicos.Univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/73/78](http://www.periodicos.Univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/73/78)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. DIVERSIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 8, n. 16, 30 set. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/236>. Acesso em:16 jul.2019.

Recebido: 13/06/2019

1ª Revisão: 14/06/2019

Aceite final: 20/07/2019